

TETRAEDRO

Mergulhar em diferentes anterioridades para que o depois não seja só agora

Anabela Mendes

Alexandre Pieroni Calado e Sandra Hung, ambos actores, encenadores e formadores, desenvolvem actualmente um projecto teatral em torno da peça *Quarteto* de Heiner Müller, cuja estreia aconteceu em Setembro, na Latoaria, um novo espaço das artes, situada nas Escadinhas do Monte, nº 9, ao cimo do Intendente, em Lisboa.

Lugar de artes e ofícios que davam forma à folha de Flandres, a aços e a zínco, a Latoaria mantém ainda traços que referenciam a sua anterior história: há objectos que passaram a ter outro uso, há estruturas que escondem os gatos de quintais vizinhos que gostam de assistir a espectáculos. A pequena loja ao fundo de um corredor-pátio é hoje, com a chegada dos seus novos inquilinos, uma casa que alberga diversos artistas cujas actividades profissionais se tornaram na razão de ser da divisão desse espaço e que em torno dele têm vindo a construir uma mini-comunidade de aprendizagem e sobrevivência colectivas no respeito mútuo pelas necessidades e emergências de cada projecto.

A preparação do espectáculo *Quarteto*, encenado por Alexandre Pieroni Calado e com representação dos dois criadores mencionados, contempla agradavelmente uma ligação científico-pedagógica que faz parte da proposta dramaturgical alargada a um público convidado a descobrir o *modus faciendi* do objecto artístico enquanto processo e não apenas como resultado. A diferenciação opcional para pré-espectadores foi criada a partir de quatro módulos intitulados de *Quasiconferências*, apresentadas entre Abril e Junho na Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNL, no Monte da Caparica. Com a presença de convidados (um por sessão e em áreas distintas do conhecimento), que aceitaram tomar em mãos o mesmo objecto de partida, a peça de Müller tornou possível criar afinidades e momentos de perplexidade onde antes eles não existiam, nomeadamente porque o *Quarteto* foi aberto à discussão pública através de propostas de conceptualização, leitura, metodologias e pré-representação encontradas pelos dois responsáveis do projecto.

A criação quase implícita da figura do pré-espectador e a sua solicitação para que se envolva em presença activante na modelação de um espectáculo que ainda não

sabe o que vai ser e talvez nunca o venha a saber, é uma prática artística com risco e pouco comum entre nós. Calado e Hung, ao convocarem para o processo artístico, a um tempo, outros criadores e investigadores, a outro tempo, espectadores que se desafiaram a participar neste exercício de diálogo estimulante pretenderam activar um relacionamento intelectual e afectivo entre anónimos e não-anónimos que, num caminho claramente em progressão, embora aberto para várias frentes, vão sendo envolvidos intencionalmente de forma responsável na pré-construção comum de um espectáculo artístico. Esta estratégia pressupõe que o contributo de cada um (de um lado criadores de diferentes áreas do conhecimento artístico: dramaturgia, representação, encenação, música, coreografia; do outro alunos e professores de uma Faculdade de Ciência Pura e Aplicada) se torne proporcional ao que é variável em processo de formação específica em relação à própria diferenciação entre as áreas de conhecimento agilizadas para diálogo, o grau de experiência de vida, mas também o investimento que é feito num processo colectivo.

De certo modo, a natureza deste projecto em torno de *Quarteto* de Heiner Müller sublinha também e de forma assumida a vontade de os dois autores do projecto validarem uma prática artística e metodológica que se socorre objectivamente de materiais e encenações que antecedem a sua própria encenação e que circulam como registo no espaço da Internet. Esta opção de visita a arquivos de modo deliberado e conseqüente não é nova em si e continuará a acontecer, esperemos que de forma saudável. Aquilo que se constitui como invulgaridade é o facto de existir no trabalho de Calado e Hung uma apropriação do trabalho de outros integrada e explicitada no percurso escolhido pela encenação de que são responsáveis. No espaço da representação são invocados não só como personagens que se assumem e nomeiam, colegas participantes em espectáculos "visitados" durante o período de pesquisa e consolidação de ideias em torno de *Quarteto*, como também se verifica uma apropriação de gestos e movimentos, de entoações vocais que passam a pertencer em simultâneo a vários objectos artísticos,

Anabela Mendes é Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa. Entre os projectos que vem desenvolvendo conta-se actualmente a concepção e preparação do colóquio internacional e transdisciplinar *Viagens de longo curso: Roteiros e mapeações*, a realizar em Maio de 2014, que juntará em Lisboa e nos Açores investigadores e amigos com quem se foi cruzando ao longo da sua vida académica.



<
Quarteto,
 de Heiner Müller,
 dir. Alexandre Pieroni
 Calado e Sandra Hung
 Projecto Tetraedro,
 Latoaria (Lisboa), 2013
 (Alexandre Pieroni Calado
 e Sandra Hung),
 fot. Rodrigo Duarte.

quer correspondam nesse "aqui e agora" a distintos passados devolvidos pelo registo videográfico em arquivo, quer se tornem disponíveis para um novo percurso interpretativo.

Muito do que teve lugar nas *Quasiconferências* surge no espectáculo *Quarteto* de Heiner Müller: as partituras electroacústicas de João Ferro Martins, alagadas por um insuspeito e novo Johann Sebastian Bach, a revisitação ao ciclo da *Bela moleira* de Schubert, a incorporação do matraquear de uma máquina de escrever numa directa referência ao modo como Müller registava os seus textos.

O movimento coreográfico de Bruna Antonelli, deliberadamente devorador de informação digital mas não apenas essa, opta amiúde pelo registo parodístico, pela caricatura a uma estreiteza sentimental e hipócrita que cabe bem no texto de Müller para criar oposição à predadora saciedade da carne. O trabalho de corpo de Calado e, em particular, a mostração de gestos como tiques doentios identifica-o com a falsidade da "verdade pura" (Kant e Kleist), aquela que Müller mantém em suspensão nesta sua peça. São ainda os processos de repetição e desconstrução do movimento que Calado e Hung executam com rigor e acuidade que transformam as danças de salão do séc. XVIII, mas também a coreografia pop, num desenho de movimento desconcertante e esvaziado dos seus sentidos primeiros, porque deixou de ser possível olhar para essas manifestações artísticas com

candura e devoção, independentemente da relação de gosto que elas possam suscitar.

Este espectáculo, no âmbito do projecto TETRAEDRO, que já contempla uma próxima investida arquivística – *Woyzeck* de Georg Büchner pelo Teatro da Cornucópia (1978) e que já deixou para trás *Pregação pel' O Bando* (1989), inspirado, entre outros, em obra do Padre António Vieira – deverá continuar a circular no Teatro Joaquim Benite em Almada, no mês de Novembro, e em Vale de Barris n'O Bando em Dezembro.

O hoje só se pode considerar como tal, porque nele existe e sempre existirá o que já foi hoje e se tornou passado. Sem a percepção dessa construção que nos ajuda a compreender a relação espaço-temporal em que nos situamos, dificilmente seríamos capazes de apreender diferentes passados entre si e co-relacionados com o presente de cada um. Para que tudo isto faça sentido possuímos ainda um bem natural a que chamamos memória. É através dela, como factor inato e de aprendizado, que estabelecemos uma indissociabilidade entre passado, presente e futuro.

O *continuum* da História, neste caso da História das Artes Performativas, tem no projecto de Calado e Hung um exemplo de como é possível talvez não "mudar o mundo", como desejava Müller, mas ir tentando mudá-lo de cada vez que se mergulha a fundo e com interesse

<>

Quarteto,
de Heiner Müller,
dir. Alexandre Pieroni
Calado e Sandra Hung
Projecto Tetraedro,
Latoaria (Lisboa), 2013
(Alexandre Pieroni Calado
e Sandra Hung),
fot. Rodrigo Duarte.



naquilo que outros fizeram. Estamos aqui perante a verdadeira arte de quem investiga com a responsabilidade de dar a conhecer as fontes no modo da citação e da reapropriação, sabendo que haverá sempre materiais que na sua casualidade se podem transformar em caso de estudo a que é possível atribuir nova existência.

A aplicação do método e da estratégia de arquivo às artes performativas nasceu em relação ao *Quarteto* de Heiner Müller, para Calado e Hung, da vontade de observar como outros tinham resolvido levar à cena um mesmo texto, atribuindo-lhe opções estéticas diferentes. Foram por isso visitados vídeos de duas encenações portuguesas disponíveis no arquivo global, a saber: a encenação da Seiva Trupe (2003) e a encenação do Teatro Praga (2006-07). Para além dos objectivos de comparação entre o existente e o que estava a nascer e da apropriação consciente de um conjunto de possibilidades a explorar na nova encenação, esta metodologia recuperava a consciência possível de uma história da peça *Quarteto*, em Portugal, se bem que nem toda a história da mesma integrasse o percurso desta obra anterior ao uso videográfico no ciberespaço. É o caso, por exemplo, da encenação de Jorge Silva Melo, também actor na versão para português de *Quarteto*, traduzida por Maria Adélia Silva Melo, para os encontros ACARTE de 1988. O encenador partilhava o protagonismo da representação com Glicinia Quartin. Este

era ainda um tempo irrevisitável hoje por quem quer que seja. Aqui o sentido de arquivo global ainda não fazia jus à sua infinita capacidade de propiciar informação.

O amplo alcance do projecto TETRAEDRO releva do facto de que ele não só se vai fazendo enquanto busca arquivística sobre materiais para transformação e elaboração dramaturgica (a pesquisa tradicional nunca foi excluída), como também se torna operável através de discursividade e apelo à participação de outros exteriores ao processo, num primeiro momento, alheios à construção do espectáculo, i. e., aqueles que poderíamos considerar como pré-espectadores. Um pré-espectador é alguém que se deseja preparar para assistir a um espectáculo enquanto seu fazedor activo.

Recorrer a fragmentos que representam etapas de uma possível História do Teatro Português, ela mesma parte de uma mais vasta História do Teatro, atribuindo-lhe o estatuto de documento não esgotado que ilustra e integra uma nova realidade de um texto dramático como processo ao mesmo tempo continuado e parcelado - porque propicia num determinado contexto a sequência integrada de vida da peça e lhe fornece também autonomia - pareceu a Calado e a Hung poder constituir um estimulante núcleo de questões para o trabalho de preparação e realização do *Quarteto* de Heiner Müller que agora se acrescenta à sobrevida desta peça.